

## Corpo, Magia e Alienação

*O negro no futebol brasileiro:  
por uma interpretação  
sociológica do corpo como  
representação social*

Construir uma interpretação sociológica da história do negro no interior da história do futebol brasileiro, como metáfora das relações dominantes no conjunto da formação social no Brasil, é o objetivo central deste ensaio.

Em junho/julho de 1994 será realizada nos E.U.A. a próxima Copa do Mundo. Neste mesmo ano o futebol brasileiro estará completando seu primeiro século. Originário da Inglaterra, aqui chegou em 1894 trazido por Charles Miller - brasileiro, descendente de ingleses, profundo conhecedor das regras do jogo, além de excelente jogador.

"O conhecimento do Brasil passa pelo futebol" (José Lins do Rego). Estudá-lo é abrir um leque inimaginável de possibilidades temáticas, de trabalho, pesquisa e conhecimento a cerca da realidade brasileira. Como objeto polissêmico que é, oferece eloqüente expressividade sociológica, que permite à investigação alcançar nossas questões básicas enquanto povo, enquanto história.

Estamos sugerindo uma análise das diferentes conjunturas da história do negro no futebol brasileiro e

Como objeto polissêmico que é, oferece eloqüente expressividade sociológica, que permite à investigação alcançar nossas questões básicas enquanto povo, enquanto história.

para tanto propondo a seguinte periodização: - 1894/1923=pré-história-elitização e proibição a negros e pobres; -1923/1933=clandestinidade - fase inicial do ingresso de negros e pobres; -1933/1950=revolução - democratização e popularização do futebol; 1950/1970=consolidação - auge do futebol brasileiro e conquista do tricampeonato, o 1º na história mundial; - 1970/1990 (Copa da Itália, última conjuntura estudada)=declínio - retrocesso e "rebranqueamento", pela subtração de oportunidade a negros e pobres.

Requintado esporte de elite, em seu momento inicial, o "violento esporte bretão" como passou a ser chamado, assumiu irrecusável posição de classe e produziu já na origem sua primeira forma de violência social e racial, bem como suas primeiras vítimas, quando chegou ao extremo de ser proibido a negros e pobres, já fortemente discriminados e estigmatizados numa formação social dominada pelo colonialismo e pelo escravismo, enquanto constantes estruturais. A partir dos anos vinte o futebol foi embrionária e lentamente se popularizando e se democratizando até tomar-se o maior e mais genuíno ritual da cultura popular brasileira. Mas este processo não ocorreu sob a égide da cordialidade e da conciliação; ao contrário foi resultante de um contexto político de confrontos e conflitos entre diferentes interesses de grupos sociais antagonicos. De um lado os "cartolas" que pretendiam, a qualquer custo, manter a tradição elitista do futebol brasileiro; de outro aqueles que desejavam "modernizar" o jogo, profissionalizando seus atletas e incorporando, em sua prática, pobres e negros, preteridos que eram.

A síntese desse processo ocorreu na década de 30, a

**Requintado esporte de elite, em seu momento inicial, o "violento esporte bretão" como passou a ser chamado, assumiu irrecusável posição de classe e produziu já na origem sua primeira forma de violência social e racial.**

partir da histórica reunião de 24 de Janeiro de 1933, marco inicial do nosso profissionalismo, "que só foi implantado para que clubes elitistas pudessem ter em seus times negros, mulatos ou mesmo brancos pobres. Até então para vestir a camisa do Fluminense, por exemplo, era preciso ser sócio-atleta do clube, com direito a frequentar a sede, as sociais, as festas elegantes de Álvaro Chaves. Com o profissionalismo, o sócio-atleta ficava sendo uma coisa e o jogador ou empregado, outra. Àquele, os direitos de sempre. Ao jogador, as portas do fundo". (João Máximo)

O ingresso dos jogadores negros, especialmente, assumiu importância fundamental, uma vez que a partir deste instante "formou-se, de maneira inconfundível, um estilo brasileiro de futebol... Inimigo do formalismo apolíneo, é dionisíaco na sua mobilidade... Caracteriza-se pelo prazer da elasticidade, da surpresa, da retórica, que lembra passos de dança e fintas de capoeira" (Gilberto Freire). O negro, protagonista desta revolução em nosso futebol, com a ginga silenciosa e a densa linguagem de seu corpo, arrebatava, com a sutileza penetrante do prazer sacralizado no ato lúdico, os limites impostos por uma sociedade que vivera três séculos e meio (!) sob o escravismo e que somente há muito pouco tempo (em 1888, sendo a última do mundo) decretara a ruptura formal com este regime. Não era, portanto, de se estranhar que o próprio negro não se reconhecesse como sujeito desse processo, não se desse conta e, até mesmo, duvidasse da importância histórica de seu papel no interior daquela conjuntura. Desse modo abria espaço para a apropriação ideológica pelas estruturas dominantes que, uma vez derrotadas, passaram a apresentar o processo como resultante da "democracia racial brasileira".

**"Com o profissionalismo, o sócio-atleta ficava sendo uma coisa e o jogador ou empregado, outra. Àquele, os direitos de sempre. Ao jogador, as portas do fundo".**

*João Máximo*

Para uma compreensão mais ampla e fecunda dessa história, torna-se necessário analisar a representação social presente no corpo do negro, concebido este como espaço simbólico, unidade semiológica e lugar privilegiado da síntese entre dois opostos fundamentais: a dominação escravista e a resistência emancipatória.

O futebol, enquanto nosso esporte-rei é uma das mais convincentes sínteses sociológicas do conjunto das relações dominantes na história de nossa formação, a qual foi capitaneada pela presença marcante do negro escravo, como força de trabalho hegemônica e isto desde a lavoura açucareira, como **"as mãos e os pés dos senhores de engenho"** (Antonil). Trabalhador braçal permanente, viu seu corpo ser transformado em objeto e símbolo da opressão escravista, em suas relações múltiplas - econômicas, políticas, culturais e sexuais.

O contraponto da opressão era a resistência e a luta pela libertação, nas quais o corpo do negro também foi a unidade semiológica, a principal fonte produtora de rituais de preservação da cultura original e instrumento de combate dos violentos conflitos emancipatórios. Aqui o destaque mágico é a capoeira, o **"jogo de mãos e pés para a libertação da alma negra"** - lição ancestral do capoeira, do lutador, do praticante da roda, lição de origem desconhecida, quilombola naturalmente. **Mãos e pés**, fronteiras do corpo, elementos constitutivos da repressão escravista e do fluxo desejante da emancipação. "...como qualquer outra realidade, o corpo humano é socialmente concebido e a análise da representação social do corpo oferece uma das mais numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular." (José Carlos Rodrigues).

Ninguém acumulou mais experiência histórica de

"Formou-se, de maneira inconfundível, o estilo brasileiro de futebol... Inimigo do formalismo apolíneo, é dionisíaco na sua mobilidade... Caracteriza-se pelo prazer da elasticidade, da surpresa, da retórica, que lembra passos de dança e fintas de capoeira"

Ilberto Freire

emprego do corpo, na realidade brasileira, que o negro, o que acabou por se transformar em extraordinário atributo de uma afirmação social lúdica, não racionalizada. O bolapé (Lima Barreto), que não é privativo de nenhuma raça (e eis aqui uma das causas antropológicas de sua universalidade), por ser a mais expressiva manifestação da cultura popular do país, se ofereceu naturalmente aos negros como um dos mais propícios terrenos sociais (também o samba) dessa atitude afirmativa.

"Mais importante do que aquilo que um povo joga, é como ele joga. A elasticidade de corpo do negro - dança, capoeira etc. - transposta para o futebol, resulta numa retórica física de tipo mais brilhante, numa dança ornamental de artimanhas espertas, manobras sabidas e truques manhosos de capoeira" (Anatol Rosenfeld).

Indubitavelmente foi o jogador negro que imprimiu no futebol brasileiro um estilo próprio de magia e arte, diferente das formas arcaicas do jogo de bola, bem como de sua descendência inglesa imediata. Fausto, Leônidas, Domingos, Waldemar desenharam este instante inaugural, cujo destaque pictórico é a "bicicleta", invenção radical de Leônidas da Silva. Entretanto o negro não exigiu o título de propriedade, nem requereu certificado de direito autoral deste futebol-arte. Nisto nem se pensou e nem se poderia pensar. Séculos de escravidão, contexto discriminatório pós-alforria, ideologia da democracia racial e a própria liberdade de criação e assimilação, intrínsecas à dinâmica do jogo, mais do que em qualquer outra manifestação artística, interditaram historicamente a possibilidade de tais reivindicações de autoria e posse. O estilo negro foi socializado e inúmeros e geniais jogadores brancos foram fundamentais para sua ampliação, divulgação e consolidação.

"Mais importante do que aquilo que um povo joga, é como ele joga."

Anatol Rosenfeld

Ao longo de um século de futebol no Brasil, o negro sofreu funda discriminação social e racial, como também a opressiva manipulação ideológica do mito da democracia racial, ambos egressos da estrutura maior. Os exemplos e depoimentos são muitos e muito conhecidos. Para o Sul-Americano de 1921, o Presidente da República Epitácio Pessoa determinou que nenhum negro fosse convocado. Ordem cumprida: nenhum negro no plantel e muito menos na delegação. Times do Rio de Janeiro romperam com o Vasco da Gama campeão em 1923 e bi-campeão em 1924, atitude declaradamente racista, porque não admitiam aquele escrete predominantemente preto e pobre, formado por Nelson, Mingote e Leitão, Nicolino (substituído por Brilhante, em 1924), Bolão e Arthur, Pascoal, Torterolli, Arlindo (Russinho em 24), Ceci (Fernandes em 24) e Negrito. A culpa pela tragédia da Copa de 1950, perdida em pleno Maracanã, foi atribuída a Barbosa, Bigode e Juvenal, três negros. "Dizia-se na época - somos inferiores, porque somos mestiços, porque somos negros" (Mário Filho). Em 1958, na Suécia, o primeiro mundial que conquistamos, somente Didi, o Mestre da Folha-Seca, era negro no time titular. Djalma Santos e Zózimo eram reservas e eram reservas também Pelé e Garrincha. E não por acaso: houve até um relatório da CBD preterindo negros, preferindo brancos.

Mas o contraponto da opressão é a resistência e, no caso do nosso futebol, esta, enfrentando o racismo estrutural, se expressou na envolvente linguagem de um contracorpo ideológico. Eleito pela chibata como unidade mínima da submissão, o corpo do negro elegeu a relação com a bola como manifestação da resistência. Uma espécie de "Pharmakon", conforme o

conceito trabalhado por Derrida, onde "veneno" e "remédio" se instalam na mesma presença semiológica. A resistência, mesmo quando alienada, sem um projeto estratégico e ausente de consciência política, ainda assim é resistência e, como tal, semente de libertação.

Assim julgo ser de fundamental importância, o estudo-de-caso que estamos realizando sobre os dois maiores gênios do futebol brasileiro, Garrincha e Pelé, ambos descendentes da raça negra, a fim de comparar seus resultados, e de contrapor a simbologia constante respectivamente em seus corpos, cuja representação social estabelece a oposição dialética que os diferencia - "deformação, mutilação e escravização" versus "equilíbrio, perfeição e emancipação" - e, ao mesmo tempo, os aproxima - heroísmo mítico, magia e alienação.

Esta proposta de investigação dialética entre os dois maiores artistas de nossa maior arte popular, dá concretude empírica àquilo que foi a história do negro no interior do futebol brasileiro. Assim permite ampliar e aprofundar, enquanto metáfora privilegiada da formação e organização de nossa cultura, a interpretação sociológica da presença do negro no futebol brasileiro, consubstanciada pela representação corporal dos rituais de sua ancestralidade africana, bem como pelo embate constante, recorrente, escravista e pós-escravista, entre opressão e resistência.

Em resumo, o futebol como a nossa paixão popular e esporte número um, encena um ritual coletivo de intensa densidade dramática e cultural, pleno de conexões múltiplas com a realidade brasileira. Teatro e dança, esporte e guerra, Eros e Thanatos, Dionísio e Apolo, o sagrado e o profano, síntese plural nos

Mas o contraponto da opressão é a resistência e, no caso do nosso futebol, esta, enfrentando o racismo estrutural, se expressou na envolvente linguagem de um contracorpo ideológico.

Esta proposta de investigação dialética entre os dois maiores artistas de nossa maior arte popular, dá concretude empírica àquilo que foi a história do negro no interior do futebol brasileiro.

inegáveis arquétipos de nosso inconsciente coletivo, de nossa identidade cultural. Como rito que é, o futebol compreende densa formação discursiva, na qual destaca-se o código do corpo, particularmente o do negro, no caso brasileiro, e sua linguagem correspondente, metalinguagem complexa das relações e significados da sociedade brasileira, de suas contradições e dos modos históricos de sua manifestação.

**Maurício Murad**

Do Depto de Ciências Sociais da UERJ

Fundador e Coordenador do Núcleo de Sociologia  
do Futebol - CIS/IFCH - UERJ

Autor do livro "Todo esse lance que rola - uma história  
de namoro e futebol", Editora Relume-Dumará